

FALHAS EXPOSTAS NA SAÚDE

LILIAN TAHAN
DA EQUIPE DO CORREIO

O sistema de saúde no Distrito Federal está cheio de falhas. E quem afirma é o próprio Executivo. Relatório elaborado pela Secretaria de Saúde do DF para subsidiar reuniões da transição de governo aponta 18 problemas recorrentes no setor. Demora no atendimento, má conservação das unidades de saúde, estrutura administrativa pesada e burocrática, excesso de funções gratificadas, baixa produtividade, dificuldade de atendimento na zona rural e acúmulo de dívidas são algumas das imperfeições citadas no documento ao qual o Correio teve acesso com exclusividade.

Um dos dados que chama a atenção no relatório diz respeito à divisão dos gastos da pasta. Em 2006, a Secretaria de Saúde administrou orçamento de R\$ 1,78 bilhão. Desse total, R\$ 1,23 bilhão (70%) foram destinados a pagamento de pessoal. Apenas R\$ 28 milhões (1,5%) foram aplicados em investimentos no setor, como a construção de postos de saúde, de hospitais ou a compra de equipamentos. Manter a estrutura da secretaria consumirá 29% do dinheiro reservado à pasta até o final do ano.

Ao mesmo tempo em que admite o "excesso de funções gratificadas", o relatório da Secretaria de Saúde informa que há carência de profissionais que atuam nas áreas fim. A secretaria emprega em cargos comissionados 2.210 pessoas, perto de 10% do total de funcionários do órgão. São servidores efetivos ou terceirizados que ocupam postos de gerência, chefia e diretoria. Há 38 funcionários em cargos de natureza especial, com salários que variam entre R\$ 4,4 mil e R\$ 12 mil.

Déficit

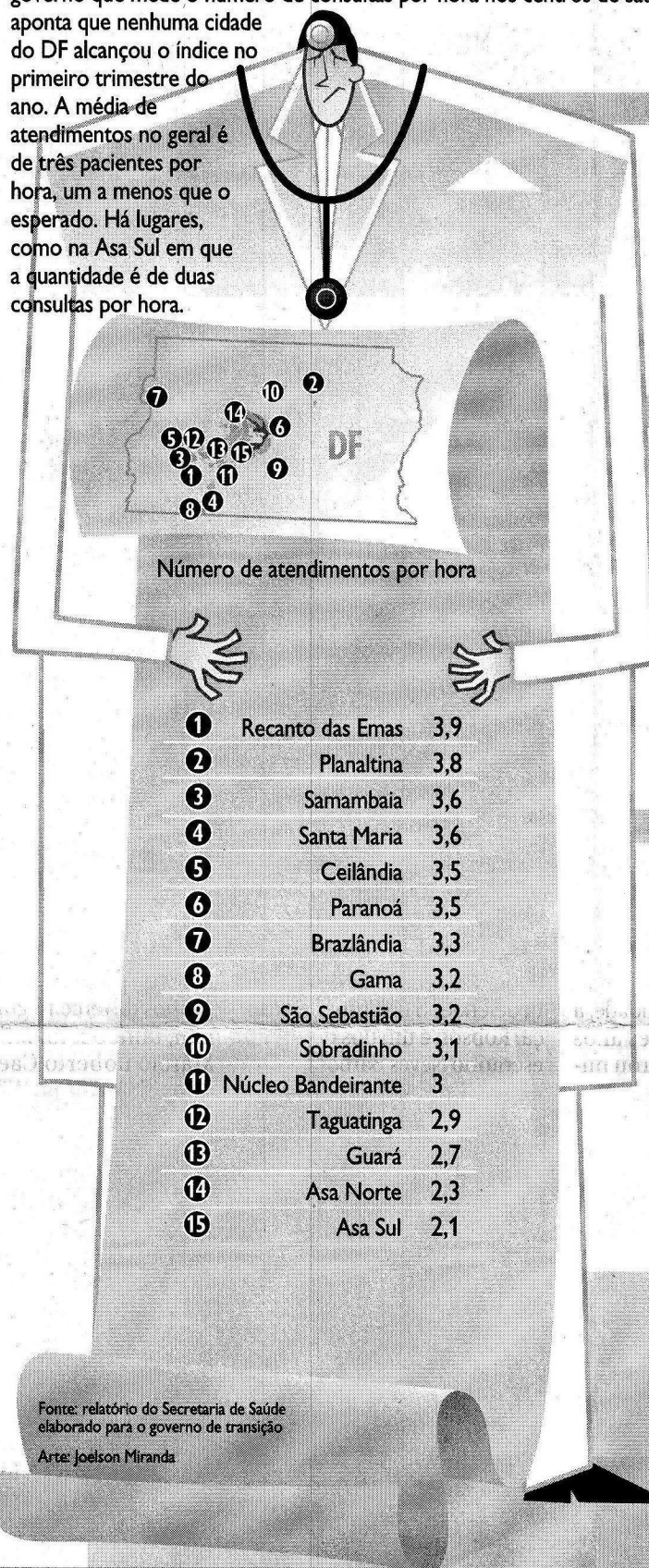
Se sobram chefes, faltam médicos, dentistas, enfermeiros. Segundo o governo, atualmente estão abertas 1.345 vagas de médico, 123 de dentista, 493 de enfermeiro, 1.163 de auxiliar em saúde. Ao todo sobram 7.895 vagas não preenchidas na rede pública de saúde, apesar de as filas nos ambulatórios e nas emergências de hospitais indicarem uma demanda reprimida por atendimento.

O problema não se limita ao déficit de profissionais. Questionário aplicado pela Secretaria de Saúde para indicar o número de consultas por médicos lotados nos postos de saúde registrou que, no primeiro trimestre de 2006, nenhuma cidade do DF alcançou o índice de atendimento por hora recomendado pela própria Secretaria de Saúde e endossado pelo Ministério da Saúde. Portarias dos dois órgãos indicam como ideal o exame de quatro pacientes (dois de primeira consulta e outros dois retornos) por hora de trabalho. Esse é um dos critérios usados pelo governo para medir a produtividade dos profissionais da saúde.

O relatório diário feito por meio da agenda dos médicos apontou que a média de consultas no DF é de três por hora. Há cidades em que essa média

BAIXA PRODUTIVIDADE

O Ministério da Saúde e a Secretaria de Saúde do DF recomendam que médicos da rede pública contratados para cumprir carga horária de 20 horas semanais atendam quatro pacientes por hora. Relatório do governo que mede o número de consultas por hora nos centros de saúde aponta que nenhuma cidade do DF alcançou o índice no primeiro trimestre do ano. A média de atendimentos no geral é de três pacientes por hora, um a menos que o esperado. Há lugares, como na Asa Sul em que a quantidade é de duas consultas por hora.



beira duas consultas a cada hora, casos verificados na Asa Sul e na Asa Norte. Em determinadas épocas do ano, o número de atendimentos ficou abaixo de dois pacientes por hora. As melhores marcas foram constatadas no Recanto das Emas, Planaltina, Samambaia e Santa Maria. De 2005 a 2006, a maioria

das cidades apresentou queda nesse índice, apenas em cinco regiões houve melhora da performance dos médicos, segundo o quesito estudado. No Plano Piloto a situação piorou.

A Secretaria de Saúde apontou ainda problemas na distribuição do atendimento na rede pública do DF. Os centros

RAIO X

DISTANTE DO IDEAL

Como é

56%

dos atendimentos da rede pública de saúde no Distrito Federal são feitos em ambulatórios de centros de saúde

44%

da população no DF procura uma emergência de hospital quando tem algum problema de saúde

Como seria melhor

80%

dos atendimentos deveriam ser realizados nos centros de saúde, uma vez que há uma estimativa de que oito em cada dez enfermidades são solucionadas com atendimento básico, a partir da avaliação de um clínico geral feita nos postos de saúde

20%

da demanda sobre a rede pública de saúde requer cuidados emergenciais, casos de internações, intervenções cirúrgicas, em que o atendimento nos centros de saúde não são suficientes.

Pouco investimento

R\$ 1,2 bilhão

É a fatia do orçamento da Secretaria de Saúde usada para pagamento de pessoal em 2006

R\$ 521 milhões

Valor da Saúde destinado a manter a Secretaria funcionando

R\$ 28 milhões

É a quantia reservada em 2006 para investimento no setor, o que representa apenas 1,5% de R\$ 1,7 bilhão, total do orçamento da Secretaria de Saúde

SOBRAM VAGAS, FALTAM PROFISSIONAIS

Número de vagas existentes, mas não ocupadas

Médico	1.345
Cirurgião-dentista	123
Enfermeiro	493
Especialista em saúde	352
Técnico em saúde	3.245
Auxiliar de saúde	1.163
Agente comunitário de saúde	1.017
Agente de Vigilância Ambiental em Saúde	157
Total	7.895

Alguns dos 18 problemas apontados no relatório do governo elaborado para a transição

- Filas nos ambulatórios e emergências de hospitais
- O número de consultas, exames, cirurgias e transplantes é menor que a necessidade da população
- Sobrecarga na rede pública provocada pelo atendimento do Entorno
- Má conservação das unidades de saúde
- Estrutura administrativa pesada e burocrática
- Excesso de funções gratificadas
- Baixa produtividade
- Dívidas acumuladas



de saúde deveriam concentrar 80% do acesso à rede pública de saúde. Atualmente 56% das pessoas que procuram esse tipo de serviço dão entrada em ambulatórios de centros de saúde e o restante, 44%, vão às emergências dos hospitais. O ideal, segundo informam gestores da saúde, é que as emergências ser-

vissem só mesmo aos casos de internação, cirurgia, onde a atenção básica já não resolve mais o problema. A falta de cultura do paciente de procurar a atenção básica para resolver as enfermidades mais brandas aliada às deficiências do serviço oferecido nos centros de saúde dificultam a inversão dessa realidade.